

REVISTA PARAÍBA CRIATIVA: desenvolvimento de projeto gráfico editorial para uma revista sobre cultura paraibana

Paraíba Criativa Magazine: editorial graphic design development for a magazine about paraiban culture

AUGUSTO, Ana Carla Costa; Graduada; Instituto Federal da Paraíba

carla.ana@academico.ifpb.edu.br

CADENA, Renata; Doutora; Instituto Federal de Pernambuco

renata.amorim@ifpe.edu.br.

Resumo

Este trabalho apresenta o processo de criação de um projeto gráfico editorial para uma revista que retrata a cultura paraibana. Quem assina a publicação é o programa de extensão vinculado à Universidade Federal da Paraíba e ao curso de Turismo, o Paraíba Criativa, cuja missão é movimentar a cena cultural local, sobretudo os agentes culturais invisibilizados pela mídia e pelo governo, para que mais produções sejam inseridas e beneficiadas pela economia de cultura. Para alcançar o resultado prenunciado, foi necessário compreender a prática do jornalismo cultural e a vertente editorial do design gráfico a partir de uma pesquisa qualitativa exploratória, e em seguida, utilizar a metodologia projetual difundida pelo autor Rodolfo Fuentes na execução da produção gráfica. Assim, foram exploradas e analisadas variadas técnicas características do universo do design editorial de revistas, desencadeando no desenvolvimento de um projeto gráfico para uma edição piloto de uma revista cultural regional impressa.

Palavras Chave: cultura; design editorial; revista.

Abstract

This work presents the process of creating an editorial graphic project for a magazine that portrays Paraíba culture. The author of the publication is the extension program linked to the Federal University of Paraíba and the Tourism course, Paraíba Criativa, whose mission is to move the local cultural scene, especially cultural agents made invisible by the media and the government, so that more productions can be inserted and benefited from the culture economy. To achieve the predicted result, it was necessary to understand the practice of cultural journalism and the editorial aspect of graphic design based on exploratory qualitative research, and then use the design methodology disseminated by the author Rodolfo Fuentes in the execution of graphic production. Thus, various techniques characteristic of the universe of magazine editorial design were explored and analyzed, triggering the development of a graphic project for a pilot edition of a printed regional cultural magazine.

Keywords: culture; editorial design; magazine.

1 Introdução

Este artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso, onde descreve a elaboração do projeto gráfico para uma revista impressa para o programa de extensão Paraíba Criativa, mesmo em um cenário de descontinuação das revistas impressas de maneira geral. A abrangência temática, a complexidade informacional e a dinamicidade criativa e visual apresentadas pelos mais variados tipos de publicações simbolizam a relevância que o material editorial impresso tem sobre a sociedade (SAMARA, 2011).

Na medida em que gradualmente o formato digital vai tomando o lugar antes ocupado pela imprensa, o processo de defasagem dos periódicos impressos é uma realidade vivenciada nos dias atuais. Entretanto, atrelado a esse fenômeno, ainda é possível enxergar uma vantagem para o método mais tradicional. Como consequência da ascensão das publicações digitais — e ainda aumentada pela saturação causada pelo alto consumo de conteúdos diversos online —, ocorre, inevitavelmente, o efeito de banalização, que provoca de forma involuntária a necessidade de uma experiência disruptiva para quem o consome. Logo, os aspectos que diferem o artefato físico do digital se sobressaem com mais facilidade: justamente por ir contra ao habitual, a experiência de folhear algo fisicamente se torna singular e é levada para além da função básica de leitura, mas como também para uma apreciação mais acentuada e até mesmo mais atenta, dos atributos visuais e editoriais.

Neste contexto, ao ser aplicado corretamente, o design editorial se mostra como uma ferramenta fundamental para incorporar qualidade ao material de forma peculiar. Com o uso dos parâmetros que permeiam uma solução eficaz de design, é possível atrair o leitor, ampliar o acesso à informação e enriquecê-la por meio da combinação entre texto e imagem, além de principalmente consolidar uma conexão identitária entre o público-alvo e o conteúdo da publicação — o que é essencial para periódicos impressos, tendo em vista que demandam mais ainda de leitores contínuos pelo fato de haver o subsídio de um serviço custoso como o de impressão do material.

De acordo com Ana Gruszynski (2015, p. 574): “Os movimentos e tendências que dinamizam a práxis do design editorial permitem observar sua forte relação com a sociedade, a cultura, a economia, a tecnologia, etc.”, o que reitera o potencial que o design editorial tem para aproximar comunidades através da utilização de aspectos socialmente representativos. E a exemplo de publicações que unificam e atraem um público específico, destacam-se as pertencentes ao gênero cultural.

As mídias impressas da vertente cultural do jornalismo são caracterizadas, em sua maioria, principalmente pela sua particularidade regional. Com esta abordagem, os jornais e revistas deste segmento conseguem construir uma narrativa na qual se é difundida a atuação de produções locais e que alimenta o desenvolvimento do pensamento intelectual e individual do leitor. É como afirma o autor Daniel Piza (2007, p. 57) ao apontar que além de apresentar e discutir obras das sete artes, o papel do jornalismo cultural também é o de abordar comportamentos de cunhos sociais, políticos e econômicos, uma vez que a cultura está relacionada intrinsecamente à eles.

A prática do jornalismo cultural é encontrada no projeto de extensão universitária Paraíba Criativa. Fundado em 2013, o programa faz parte do curso de Turismo, do Centro de Comunicação e Artes da Universidade Federal da Paraíba e, atua principalmente com o objetivo de estimular as produções culturais do estado para inclusão delas na cadeia produtiva da economia de cultura, seguindo os procedimentos da economia criativa (PARAÍBA CRIATIVA, 2023).

O Paraíba Criativa tem como principal veículo de comunicação o seu portal eletrônico que, dentre todas as atribuições, é uma plataforma onde são publicadas notícias diárias e reportagens acerca do turismo e da cultura paraibana. A partir dessa produção constante de conteúdo, desenvolveu-se o projeto de publicar o material em formato de revista, valorizando-o. Desencadeando assim, no problema prático deste estudo, onde, por meio da vertente editorial do design gráfico, se dá o desenvolvimento de um projeto gráfico editorial de uma revista impressa.

A razão para a execução deste trabalho e a importância dele evidencia-se sobretudo, quando colocamos sob a óptica do papel da extensão na relação universidade-sociedade e da revista enquanto plataforma de comunicação potencializadora para promoção de cultura regional. Isto é, a criação de um projeto gráfico editorial para uma revista deste nicho, com autoria de um projeto de extensão universitária, provoca diversos benefícios para fora dos muros da universidade: gerar visibilidade para agentes culturais que possuem pouco acesso a recursos; impulsionar o turismo local, que entre tantas vantagens, movimenta principalmente a economia da região; promover a valorização cultural da Paraíba, entre outros proveitos relacionados.

Assim, para alcançar o objetivo geral deste artigo, foi necessário compreender o que é a prática do jornalismo cultural executada pelo Paraíba Criativa e entender técnicas do design editorial no desenvolvimento e na análise de um projeto de revista.

2 A atuação jornalística do Paraíba Criativa

O segmento cultural do jornalismo é o que retrata para o público pautas no âmbito de cultura, seja ela local, nacional ou internacional. Para além disso, nesta especialidade, é nítido o espaço aberto de reflexão, esse justificado pelo modo de abordagem introdutória e/ou crítica ao tratar de produtos de entretenimento — literatura, cinema, música, entre outros. Essa finalidade inerente caracteriza o trabalho que é destacado por ser um dos principais para a descoberta de seu gênero. É o caso da revista *The Spectator*, criada pelos ingleses Richard Steele e Joseph Addison no ano de 1711; que segundo Piza (2007, p. 12), foi fundada para “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés”:

A revista falava de tudo - livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política - num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando um fraseado charmoso e irônico que faria o futuro grão-mestre da crítica, Samuel Johnson, sentenciar: “Quem quiser atingir um estilo inglês, deve dedicar seus dias e suas noites a ler esses volumes”. Podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas na moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce. (PIZA, 2007, p.12).

Nesta conjuntura, o sentido polissêmico que o conceito de cultura traz consigo faz refletir no jornalismo cultural uma variedade maior de conteúdos. É como confirma Rivera (2003, apud BASSO, 2008) ao dizer que o conceito de jornalismo cultural está relacionado a um campo deveras multifacetado, uma vez que o segmento performa sua pluralidade através de condutas que vão de finalidades criativas à provocativas de ponderações sobre paradigmas sociais.

O jornalismo cultural possui um potencial atrelado: ao introduzir ou criticar um autor ou obra, de certa forma cumpre, paralelamente, o papel de palco. Esse fenômeno, por exemplo, para quem não é visto normalmente na mídia é crucial e deve ser feito com consciência. Ballerini (2017) chama a atenção para isso, ao afirmar que o jornalismo cultural regional deve priorizar abordar em suas pautas a produção cultural local, para que além de ficar sob holofotes, também sirva de estímulo para o aumento da produtividade cultural na região.

De acordo com Carvalho e Nóbrega (2017), a conexão entre cultura e desenvolvimento promove um crescimento autossustentável, o que equilibra a perspectiva metafórica e a lógica de mercado, impulsiona o desenvolvimento regional, gerando emprego, renda e turismo, explora as indústrias culturais e a propriedade intelectual como fontes de inovação e crescimento econômico, e ainda desempenhando um papel fundamental na promoção da diversidade, colaboração e progresso econômico e social.

Assim, dado que a cultura fortalece a atuação turística de uma região, é responsabilidade dos atores locais que tratam da cultura, — como setores públicos, privados, a própria comunidade relacionada, entre outros — de precaver quanto à promoção da preservação da cultura local, visando um crescimento sustentável (GONDIM; AGUIAR, 2010).

Neste contexto, apresenta-se o Paraíba Criativa. Completando no ano de 2023 uma década em atividade, o Paraíba Criativa trata-se de um programa de extensão universitária do curso de graduação em Turismo, do Centro de Comunicação e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O projeto atua, sobretudo, com o propósito de contribuir no desenvolvimento turístico da Paraíba e principalmente no progresso socioeconômico da comunidade artístico-cultural local, seguindo parâmetros da economia criativa e promovendo a valorização da cultura paraibana - como medida para suavizar a lacuna formada pela negligência do Estado para com a mesma.

Para a efetivação dos seus objetivos, o Paraíba Criativa se divide em quatro projetos independentes e interligados: 1) Portal Eletrônico, onde cumpre o papel de canal de comunicação interativo com os interessados, além de noticiar diariamente questões relacionadas à cultura e o turismo local e, ainda, portar o inventário digital; 2) Inventário Cultural da Paraíba, onde se é catalogado, registrado e principalmente apresentado através dos chamados verbetes, obras e artistas paraibanos; 3) Agência de Produção Cultural, onde agentes culturais são assessorados de forma gratuita, colaborando para o crescimento na carreira dos mesmos; 4) Produção de eventos, onde acontece uma troca necessária de experiências, conhecimentos e parcerias entre a comunidade artística local.

Atualmente, o Paraíba Criativa é financiado pela Secretaria de Ensino Superior do Governo Federal (SESU) e por incentivos privados de apoiadores. O programa é composto por cerca de 5 docentes e 20 discentes dos cursos de Turismo e Jornalismo; e a coordenação é constituída pelo professor André Piva, fundador do curso de Turismo na UFPB e pioneiro em estudos acadêmicos na Paraíba sobre a economia criativa.

3 Design editorial de revistas

O design para leitura, se trata da vertente editorial do design gráfico que se comunica visualmente a partir da coexistência entre elementos gráficos e textuais. Para Sue Apfelbaum e Juliette Cezzar (2014, p. 8) o design editorial é uma especialização do design gráfico que foca em publicações seriadas unificadas pelas ópticas criativa e editorial. Antonio Collaro (2012) acrescenta neste sentido ao pontuar que a criatividade ao diagramar projetos gráficos é um fator diferencial para os materiais de mídia impressa, fazendo com que seja possível conduzir o leitor corretamente.

O exercício do design editorial, além de priorizar uma abordagem criativa, deve trazer consigo o cuidado em evitar ruídos na disseminação do que há para ser comunicado. É como afirma Ana Gruszynski (2015, p. 574) ao dizer que “o design não pode ser encarado

prioritariamente pelo seu caráter vinculado à aparência dos artefatos, mas como uma atividade que lida fundamentalmente com a informação.” Também neste contexto, Timothy Samara (2011) afirma que, independentemente de ser veiculada em uma revista, jornal ou catálogo de produtos, toda publicação tem sua origem em uma mensagem que possui sempre a mesma função de conectar o público-alvo com uma temática por um determinado intervalo de tempo. A designer Márcia Okida (2002) ainda reitera esse pensamento ao afirmar que a linguagem explicitamente gráfica influencia grandemente o sucesso ou fracasso de jornais e revistas, uma vez que o design editorial representa uma parcela importante de responsabilidade na comunicação entre o impresso e o público.

As revistas são publicações periódicas que retratam variadas pautas do conhecimento geral e as que mais se aproveitam para apresentar um visual sofisticado através do uso de tecnologias de artes gráficas (COLLARO, 2012). Scalzo (2006, apud RODRIGUES, 2013), afirma que independente das definições e variedades das revistas, todas apresentam os mesmos princípios de especialização, periodicidade e formato. Rodrigues (2013) complementa ao dizer que em relação a especialização, a revista consegue conversar sobre temáticas específicas por meio de uma linguagem peculiar e característica do público-alvo em questão; sobre periodicidade, ela aponta que é um fator importante para a qualidade do material no final: quanto maior o intervalo de tempo entre as edições, mais refinado será o assunto, o design e o acabamento da revista; e sobre o formato, as revistas se destoam de outros tipos de publicações ao trazer, maioria das vezes, trabalhos de impressão e papel superiores, o que pode agregar até para serem vistas como um artefato a ser colecionado. A autora ainda chama atenção para a possibilidade de trabalhar progressivamente com estilos gráficos, ao se aproveitar uma extensa circulação de edições que sucessivamente uma revista costuma apresentar:

Esta capacidade de desenvolvimento e mudança sucessiva, sem perder a natureza essencial da publicação, é um componente básico de bom design. Este caráter repetitivo da revista joga a favor do designer, pois cada novo número oferece a oportunidade de alteração e inovação, fruto da reação dos leitores a números anteriores. É esta continuidade que dá à publicação a capacidade de reflectir e estabelecer novas tendências gráficas. (RODRIGUES, 2013, p. 19).

Para Gruszynski e Chassot (2006) o design editorial de revistas é constituído por três elementos fundamentais: o grid, a tipografia e as ilustrações/imagens. O grid ou diagrama, é uma técnica que prevê a organização sistemática do layout por intermédio do uso de uma estrutura invisível composta por colunas, linhas e margens, sendo assim um princípio básico para se evitar problemas de continuidade no projeto gráfico. A tipografia, evidentemente, é o elemento mais notório num produto textual, dessa forma, é essencial que a escolha tipográfica seja feita em prol de uma leitura confortável — isto é, deve se considerar compreensão, hierarquização informacional e legibilidade ao definir configurações de tamanhos, espaçamento, estilos de parágrafos, entre outros parâmetros. E por fim, no que se refere aos recursos imagéticos — fotografias, ilustrações, infográficos, tabelas, gráficos, etc. —, eles assumem o papel de integrar e interagir com o componente textual no espaço da página, de forma que expresse e/ou amplie o significado do que está sendo textualmente representado.

O ritmo visual ao folhear uma revista é um fator crucial para nortear e reger o projeto gráfico deste tipo de publicação: além da unidade visual, composta pela repetição de elementos em sua estrutura, é importante que o leitor seja entretido com a variação de design nas páginas. Essa relação com a ideia de entretenimento muito se dá pela perspectiva de que a revista deve ser considerada um objeto de lazer, uma vez que seu usuário está mais inclinado a iniciar a leitura de uma matéria, por exemplo, a partir da apreciação gráfica derivada da habitual e inicial folheada

antes de ler o artefato em questão (BARBOSA, 1996, apud GRUSZYNSKI; CHASSOT, 2006).

Dessa forma, com as perspectivas aqui reunidas, é possível considerar que o design editorial específico para revistas é caracterizado por ser dinâmico, mutável e principalmente coerente com o segmento em que a publicação se encontra. Para seu desenvolvimento, deve ser priorizada a relação leitor-publicação, tendo em vista que cada publicação tem sua particularidade e isso desencadeia diretamente na experiência do uso, esta que contribui fortemente para a aquisição ou não da revista.

4 Metodologia

Com o propósito de alcançar os objetivos deste trabalho, se fez necessário dividir a metodologia em duas seções: uma para compreender e destrinchar o que se apresenta como problema de pesquisa e outra para caracterizar as técnicas e métodos utilizados no processo de produção gráfica.

4.1 Metodologia de pesquisa

Para compor o embasamento teórico acerca da problemática aqui abordada, foi definido o método de pesquisa qualitativa. Assim, por meio de pesquisas bibliográficas, foi possível justificar as pontuações no que se diz respeito, principalmente, à área de estudo que delimita a temática retratada. Quanto à natureza da pesquisa, foi utilizado o conceito trazido por Andrade (2017) de pesquisa aplicada, onde são buscadas soluções para problemas concretos por intermédio de aplicações práticas. A pesquisa será de caráter exploratório, uma vez que conceitos relacionados ao que será estudado serão reunidos e observados.

4.2 Metodologia de projeto

Na busca de metodologias específicas para produção de revistas, percebeu-se um déficit na disponibilidade de sistemas para essa vertente do design; resultando como solução, o uso de um procedimento que mais se aproximasse ao adequado para o problema prático em questão.

Dessa forma, a metodologia projetual aplicada neste trabalho foi a do autor Rodolfo Fuentes (2005). Em sua obra, o designer fraciona a metodologia em três fases: 1) Necessidade, onde se é destrinchado o diagnóstico da demanda, pesquisado o segmento no mercado e possíveis referências, estudado público-alvo e também definido as limitações; 2) Concepção, na qual é construída a ideia geral, através de pesquisas visuais, esboços e experimentações para então ser definido o estilo gráfico do projeto; e 3) Concretização, que é a etapa de produção, onde são trabalhados componentes essenciais como a estrutura, tipografia, cores, suporte, imagens, métodos de impressão, entre outros elementos relacionados. No entanto, para este trabalho, foi necessário sintetizar e adaptar alguns pontos para ser mais compatível com o processo de produção de um projeto de revista, como mostra o quadro 1.

Quadro 1 - Metodologia utilizada

Etapa	Propriedades
Necessidade	Briefing junto à equipe da PB Criativa

	Limitações Análise de similares
Concepção	Painel semântico Testes Organização de conteúdo e espelho do projeto
Concretização	Formato e grid Layout Composição tipográfica Cores Recursos gráficos Impressão

Fonte: adaptado de Fuentes (2005)

5 Desenvolvimento

A partir do entendimento dos processos que constituem a metodologia selecionada, sucede-se finalmente à fase de desenvolvimento do projeto evidenciado aqui.

5.1 Necessidade

Como já mencionado anteriormente, o Paraíba Criativa, a fim de cumprir sua missão para com a comunidade, age através de seus subprojetos; e no decorrer deste longo tempo de história, surge regularmente, a necessidade de criação de novos projetos para se manterem em ação. Em vista disso, a iniciativa de criação de uma revista se mostra vantajosa, fazendo com que o programa de extensão aproprie-se assim, de mais uma modalidade para obter seus resultados esperados.

5.1.1 *Briefing junto à equipe do Paraíba Criativa*

A demanda em questão se trata de um projeto gráfico editorial para uma edição piloto de uma revista que aborda somente assuntos relacionados à cultura paraibana. O conteúdo textual do miolo foi produzido por discentes que compõem a equipe de redação do programa de extensão; e o design editorial entrou assumindo o papel de suporte visual para a escrita, com a finalidade de tornar a informação mais rica, mais atraente e convidativa para o público-alvo.

Segundo o Paraíba Criativa, o público-alvo previsto consiste em paraibanos no geral; agentes culturais invisibilizados na mídia, tendo em vista que o projeto se preocupa com que essa parcela da população tenha ciência de que há um canal de comunicação voltado para suas necessidades; assim como a comunidade acadêmica que, embora a atuação do programa de extensão não se restrinja à ela, ainda assim é inegável que atualmente o projeto se mantém ativo principalmente pelos discentes que ingressam na universidade, tomam conhecimento do programa e engajam suas atividades.

5.1.2 *Limitações*

A partir de conversas com a editora do Paraíba Criativa, foram identificadas limitações a serem consideradas antes de iniciar as produções. A principal é a questão de recursos financeiros,

tendo em vista que os valores recebidos são provenientes somente de apoios pontuais de parceiros, e/ou do próprio recurso pessoal do coordenador, e/ou ainda de bolsas de permanência para alguns estudantes da equipe, estas que são individuais e não para a realização de atividades gerais do programa de extensão. Assim, gastos como locomoção para entrevistas fora do campus universitário e reportagens externas, não foram possíveis e a alternativa adotada foi a de readaptar materiais que consistem em pautas “frias” já existentes do inventário cultural e do site deles, fazer entrevistas online ou com pessoas pertencentes à comunidade acadêmica da UFPB.

A ausência de um fotógrafo na equipe também foi um ponto fundamental a ser considerado, uma vez que o uso de fotografias autorais e específicas para os conteúdos valoriza bastante um projeto gráfico editorial. Dessa maneira, já surgiu como requisito, o estudo de soluções para preencher essa possível lacuna.

5.1.3 *Análise de similares*

Para compreender como o design editorial de revistas, em especial as do segmento de cultura, se comportam visualmente, foi feita uma análise de similares. Dentre todas as referências, a principal observada foi a revista *Continente* (figura 1).

Figura 1 – Revista *Continente* (a) Capa da edição 197. (b) Parte interna da revista.



(a)



(b)

Fonte: (a) revistacontinente.com.br/edicoes/197 (2023) (b) karinafreitas.com/revista-continente-3 (2023)

Criada no ano 2000, a *Continente* é uma revista pernambucana de jornalismo cultural que busca promover para seus leitores o pensamento crítico e reflexivo ao retratar a cultura em seu sentido amplo; ela é produzida pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e é comercializada no formato impresso, digital e online. Atualmente, a revista já possui 270 edições e, mesmo com a queda da indústria das publicações impressas, ela se mantém em destaque pelo seu conteúdo de qualidade no mercado. Ela teve seu projeto editorial atualizado em 2017, adotando a divisão de suas seções por gêneros como artigo, ensaio, reportagem, entrevista e crítica.

Em relação ao seu projeto gráfico, a revista é caracterizada pelo formato em 210 mm x 280 mm; grid de 3 colunas; pela cor padrão de sua identidade visual, a verde; uso de três famílias tipográficas com diferentes estilos, no caso, a Archer no logotipo, títulos, sutiãs e olhos, Velino para o texto corrido e Prelo como fonte auxiliar, usado nos boxes, créditos de imagens e legendas; por sua logomarca minimalista, se tratando de uma caixa no lado superior esquerdo da capa,

podendo estar seu nome quebrado em quatro linhas ou somente abreviado pela sua letra inicial; capa com fotografias ou ilustrações sangrando, entre outras características. No mais, ela apresenta a média de 88 páginas em cada edição, e no geral apresenta uma consistência exemplar em seu padrão de layout, respeitando muito bem o grid e os parâmetros pré-definidos do projeto gráfico editorial.

5.2 Conceção

Com as informações pré-projetuais selecionadas, deu-se início ao processo de pesquisa visual e experimentações a fim de definir o conceito a ser seguido.

5.2.1 Painel Semântico

Para o desenvolvimento do perfil estético do projeto, foi feita uma pesquisa visual de acordo com o *briefing* recebido. Assim, foi montado um painel semântico com as referências propícias para nortear a criação.

O fato do Paraíba Criativa se tratar de um trabalho que retrata somente a temática regional e, conseqüentemente, por haver uma identidade visual sustentada pelas cores da bandeira paraibana, justificou uma busca voltada principalmente para referenciar os elementos visuais que fazem alusão à identidade local. Portanto, conforme a figura 2, foram observadas e selecionadas, produções que fizessem o uso de mapas, elementos visuais de regiões diversas e de estados nordestinos e, sobretudo, as que apresentassem como cor predominante a vermelha.

Figura 2 - Painel semântico



Fonte: elaborado pelas autoras

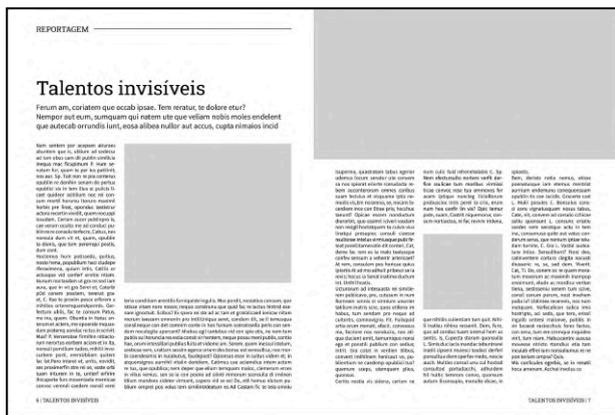
Ademais, como alternativa de suprir a carência de fotografias autorais e específicas para o conteúdo da revista foi estabelecido o uso da técnica artística de colagem digital. Dessa forma, nesta etapa de coleta de referências visuais, também foram estudadas obras que apresentam esse recurso, principalmente as que exploram o princípio de contraste entre a escala cinza com a cor vermelha; assim como texturas para compor experimentações através do método de sobreposição. Ainda seguindo essa ideia de contraste, outro artifício visto e pensado foi o de usar

o parâmetro por meio de tipografias que em seu desenho possui uma contraposição entre traços finos e grossos.

5.2.2 Testes

Após realizada a pesquisa de referências visuais, iniciou-se o processo de geração de esboços e experimentações. O primeiro rascunho gráfico, representado na figura 3, foi criado para se ter uma noção de quantos caracteres seriam cabíveis no layout desejado em uma dupla de páginas, para em seguida informar o limite à equipe responsável pela escrita do conteúdo.

Figura 3 – Antes e depois de uma dupla de páginas (a) Rascunho gráfico. (b) Resultado do layout finalizado.



(a)



(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

Outra parte que também passou por experimentos foi a capa (figura 4). Tendo em vista que se trata de um componente fundamental, — isto é, cumpre o papel de fator que muitas vezes vai convencer a aquisição do material —, torna-se necessária uma atenção especial mediante testes.

Figura 4 – Antes e depois da capa (a) Primeira alternativa desenvolvida para a capa. (b) Capa finalizada.



(a)



(b)

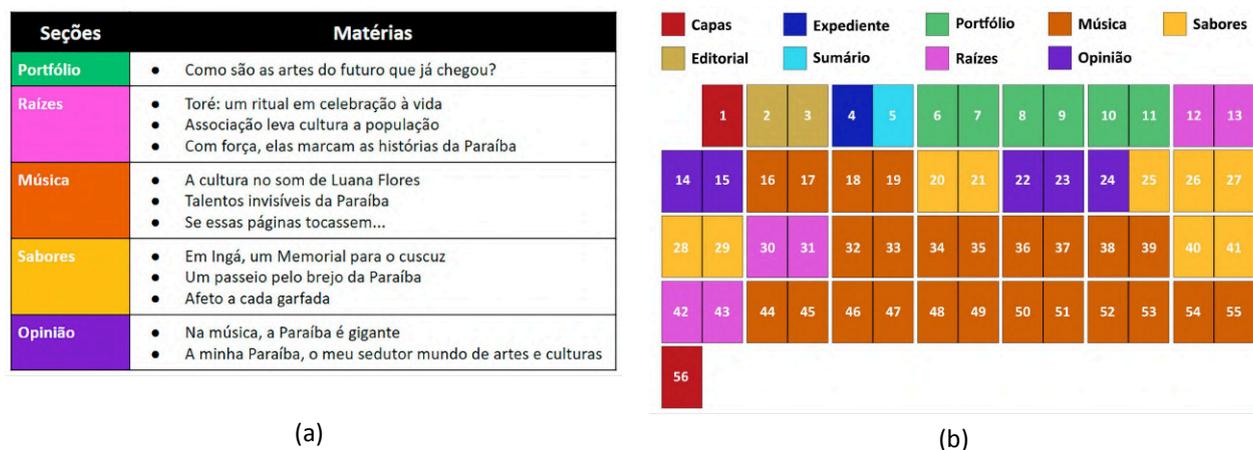
Fonte: elaborado pelas autoras

A fim de visualizar o tamanho real das tipografias no papel, ainda houve também o teste impresso. Foram impressas três matérias diferentes em vários estilos diferentes, com o corpo do texto em 10 pontos, 11 pontos e 12 pontos e também variando o tamanho da entrelinha e largura das colunas. Essa experimentação foi essencial para o projeto, pois foi possível testar a legibilidade dos textos corridos e evitado reajustes futuros provenientes de uma má diagramação.

5.2.3 Organização de conteúdo e espelho do projeto

Totalizando 12 matérias para compor o miolo, a revista Paraíba Criativa foi criando forma. As matérias foram distribuídas pelas seções previamente definidas em conjunto com a equipe do projeto de extensão; e encadeadas conforme as semelhanças de assuntos, finalidades e gênero de cada uma, resultando em cinco agrupamentos, como mostra a figura 5a. A sequência das pautas no decorrer das páginas foi estabelecida de acordo com a quantidade de texto e mancha gráfica de cada uma; isto é, a intenção é se aproveitar do contraste entre as matérias para criar uma cadência que envolva o leitor, destacando a dinamicidade visual por meio das singularidades da composição gráfica de cada um dos blocos, para que quebre a continuidade e evite uma experiência monótona. Com isso em mente, foi criado o espelho do projeto, este apresentado na figura 5b.

Figura 5 – Divisão do conteúdo (a) As seções e suas respectivas matérias. (b) Espelho do projeto gráfico.



Fonte: elaborado pelas autoras

Conforme ilustrado no espelho, a revista ficou com o total de 56 páginas, possuindo matérias mais extensas de até 12 páginas e outras com apenas uma dupla de páginas; portanto, além da justificativa já comentada, a intercalação entre matérias grandes e pequenas também foi um critério para sobressair o contraste na sequência das pautas abordadas.

5.3 Concretização

Nesta etapa final, após coleta de informações e com o conceito já bem encaminhado, iniciou-se a produção. O *software* selecionado para a diagramação da revista foi o Adobe InDesign CC.

5.3.1 Formato e grid

O formato escolhido para a revista foi o de 205 mm x 275 mm e, embora a diferença para o tamanho usual de revistas (210 mm x 280 mm) não seja tamanha, a razão para a escolha é a de agregar um aspecto diferenciado à identidade da revista, aderindo assim uma característica física um pouco mais específica para ela.

Para estabelecer a estrutura do projeto, inicialmente foi pensado em um grid de três colunas, o que é mais comum para revistas. Entretanto, durante as experimentações, foi percebida uma certa dificuldade em tornar a diagramação mais livre e mutável ao se limitar a esse número de colunas. Dessa forma, alternou-se para um de seis colunas, com 20 mm nas margens inferior, superior e externa, 25 mm na margem interna, 4 mm na medianiz e 5 mm na margem da sangria (figura 6a).

De acordo com Ellen Lupton (2006, p. 142), para publicações que precisam integrar texto e ilustrações, os diagramas mais apropriados são os de múltiplas colunas, pois conseguem possibilitar formatos mais flexíveis e complexos. É exatamente este o intuito em usar um grid de seis colunas, uma vez que a maioria das matérias terão seus textos acompanhados de elementos gráficos de apoio. A exemplo disso, na figura 6b, há a matéria “Toré”, onde observam-se colunas de textos com mais de uma largura, juntamente com fotografia, colagem e uma área complementar.

Figura 6 – Grid definido (a) Grid em dupla de páginas. (b) Layout aplicado ao grid.



Fonte: elaborado pelas autoras

5.3.2 Layout

Em se tratando de layout, o principal e mais seguido no decorrer da revista para cumprir o princípio de unidade visual, é o de abertura das matérias. Com exceção da seção Opinião, que traz materiais em outro gênero textual, todas as seções têm suas matérias com a mesma anatomia de página, o que contribui para o leitor compreender o início e término de cada conteúdo, como mostra as figuras 7 e 8.

Figura 7 - Layout das páginas que abrem as matérias

Chapéu com um grafismo de linha reta para auxiliar na identificação da seção

Título da matéria com no máximo três linhas

Sutiã da matéria

Créditos

Texto corrido com o uso de capitular e com no máximo duas colunas, independentemente das larguras

Fólio com paginação e nome da revista

SABORES

Em Ingá, um Memorial para o cuscuz

Saiba mais sobre o prato que foi de forrador de bucho oficial dos paraibanos: a patrimônio cultural da Paraíba.

Por **Jaqueline Rodrigues*** | jaqueline.rodrigues2209@gmail.com

Im Ingá, o Memorial do Cuscuz foi criado por Maria Auxiliadora da Silva, que todos chamam de Dona Lia. Ela conseguiu transformar um espaço bem pequeno de sua casa e resgatar o seu saber de cozinheira para montar um lugar bastante atrevido.

Dona Lia é uma mulher simples e que cativa a todos com sua simpatia e um largo sorriso no rosto. Ela recebe os visitantes com um abraço acolhedor e faz com que todos se encantem com sua história de vida.

O memorial do Cuscuz é um local onde predomina o rústico – naturalmente, o ambiente é especial, e as suas deliciosas iguarias são feitas com a técnica antiga de moer o milho na pedra. Neste ambiente tão simples é possível desfrutar de um autêntico cuscuz de cabeça amarrada ou xerim, tudo feito na hora.

Dona Lia é a típica nordestina batalhadora, que lutou contra as adversidades que a vida lhe impôs, mas que não tiraram a capacidade de achar soluções para seguir em frente. Ela contou com ajuda de

Sabão, que lhe deu o apoio necessário, e transformou o lugar em um ponto de cultura, atraindo visitantes pela sua rusticidade. O memorial deu-lhe certo que ela conseguiu criar suas duas filhas com o fruto do seu trabalho na sua cozinha artesanal, e agora encaminha o neto.

As deliciosas iguarias das cidades cozinheira, o modo de preparo, o cotidiano da comunidade em que está inserida, e a própria história de vida da dona Lia transformaram-se em elementos do turismo de experiência, para quem aprecia o modo rural e genuíno. Mas, de tão típico, chama a atenção pelos detalhes de cada cantinho acolhedor.

A riqueza imaterial no Memorial do Cuscuz que já é tombado como patrimônio material cultural da Paraíba e de outros estados, como Pernambuco e da Tapajoca é tão presente no lugar, que não só é possível conhecer histórias de pessoas que lutam e usam sua criatividade para mudar a realidade de vida. Mas também mostrar que é possível empreender com criatividade, e contribuir com a cultura paraibana.

Histórias que misturam ancestralidade, se confundem e se encontram à mesa

A história de Dona Lia refere-se a uma mulher senense com uma vida de alhos e batatas. Desde cedo, viu o milho à sua mesa. Ela chega a relatar que, pela falta de acesso a outros insumos, sua avó pela manhã já fazia o amido. Ou seja, trata-se de uma religião ancestral, carregada de emoções e lembranças.

Quando jovem, criou-se e se mudou para Recife, mas a união não saiu como o imaginado e ela se recorda de passar a cozinhar o cuscuz para ter o sustento para filhos. Ao ser no filho grande de fome, se lembrou do cuscuz que a mãe e a avó faziam. “Fiz e botava meu filho para vender nas portas das obras em Recife. Já era ‘Bibeleber’”, conta. Assim, Dona Lia retornou à cidade de Ingá, cuidou de sua mãe doente e, após o falecimento dela, decidiu renovar-se e vive com exceção a propriedade e as relíquias que tinha de sua família. Dessa forma, surgiu o Memorial do Cuscuz, ganhando espaço na pequena cidade do Ingá, expandindo-se por toda a Paraíba e, por fim, tornando um reconhecimento nacional. Não é à toa que no dia 7 de novembro de 2019 estreou em um dos programas com grande audiência, levando todo o seu conhecimento à TV aberta, para inúmeros brasileiros conhecerem a cultura ingense e paraibana.

Divido à pandemia de Covid-19, o Memorial fechou em 2020, mas segue funcionando por delivery e, apesar dos esforços, o rendimento foi reduzido. Para mantê-lo, teve de usar com os despesas através de sua aposentadoria. Não bastando à pandemia, ainda ocorreu um incêndio em decorrência de um curto circuito e isso o afetou emocionalmente por não poder salvar uma parte de suas relíquias de família. Porém, apesar de todas as adversidades ela pontua: “Eu posso considerar que, pelo que já passei, isso aqui foi mais uma experiência”. E segue fazendo o seu trabalho com muita emoção e perseverança, dando relevância à cultura paraibana.

*A autora contou com o arquivo do Paraíba Criativa para a redação deste conteúdo.

PARAÍBA CRIATIVA | 21

Fonte: elaborado pelas autoras

Figura 8 - Anatomia da página que abre os artigos de opinião

Chapéu com um grafismo de linha reta para auxiliar na identificação da seção

Título da matéria com no máximo três linhas

Créditos com foto do autor em escala cinza, nome em box vermelho e breve descrição de sua atuação

Texto corrido com a primeira coluna recuando tendo largura de 113 mm (três colunas do grid) e a segunda com 74 mm (duas colunas do grid)

Fólio com paginação e nome da revista

OPINIÃO

A minha Paraíba, o meu sedutor mundo de artes e culturas

André Piva
Professor Doutor, coordenador do Paraíba Criativa.

Lêstiva eu, na porta de entrada da Secretaria do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o meu olhar fixo naquele homem que se encontrava um pouco encostado na parede do corredor, sorvendo com toda a tranquilidade o seu indelével cachêlo, objeto que já me confirmava quem ele realmente era, com base em alguma de suas fotografias que vi em algum jornal e revista. Porém procurei confirmar, ao dar dois passos para dentro do ambiente e perguntar à funcionária que logo eu saberia do seu nome, Viana, e mais tarde se tornaria uma querida amiga, se seria mesmo o célebre Linduarte Nogueira.

Fui falar com ele, o célebre diretor do documentário Aranda, que eu vi mais de uma vez, com toda a atenção, pois foi tema de trabalho solicitado em uma das disciplinas de minha graduação em jornalismo, em São Paulo, Capital. Assisti Aranda a primeira vez no auditório da Universidade, com algumas explicações do professor, inclusive o comentário de que o príncipe Glauber Rocha, badalado como o criador do Cinema Novo, dizia ser Linduarte o verdadeiro precursor, o pai de tal tipo de linguagem cinematográfica, que surpreendi pela força narrativa, apesar das limitações técnicas.

Mas, como todo o estudante da época, eu e meus colegas do curso de jornalismo, passamos a cultura os filmes de Glauber, por associá-los à resistência à ditadura militar de 1964, com o grande líder a censura do regime com os retores e cenais alegorias dos filmes “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”, “Terra em Trânsito”, “O Leão de São Cabeças”, “Nômade da Terra” que denunciavam a triste realidade brasileira, a verdadeira, não aquela do fato e propagandístico “Magre Brasileiro” tão enunciado pela ditadura.

A minha primeira conversa que tive com o meu futuro amigo Linduarte, senão, foi marcante, afinal eu falava com o mestre do grande Glauber Rocha. E já ali no primeiro papo, claro que um pouco de deslumbramento, eu lhe disse da minha satisfação em conhecer quem, segundo as palavras de Glauber Rocha, seria o “Pai do Cinema Novo”.

Contudo, Linduarte, com suas características flemas, me respondeu mais ou menos assim: “O Glauber já me disse (personalmente) que tudo começou comigo... Mesmo com a minha identificação de que foram as dificuldades, a falta de dinheiro e de bons equipamentos que conseguiu os resultados de Aranda, foi na emergência, na necessidade. Talvez com as devidas condições eu não teria improvisado tanto, justamente o que foi decisivo para o filme ter saído de forma um pouco forçada, no aspecto material, mas também natural se for considerado o aspecto da improvisação. Dizem que eu consegui apresentar uma narrativa de cinema diferente, mesmo com recursos técnicos muito pobres, mas foi isto mesmo. Falou que o Cinema Novo é a estética da fome, diluído a ver com Aranda, a estética da necessidade”.

Tive muitos outros diálogos com Linduarte, sempre que nos encontrávamos o papo corria solto, mas nunca primeira conversa permaneceu gravada na minha lembrança por ser algo emblemático para mim, genealógico, no sentido de confirmar, em um momento que eu tanto precisava, que a Paraíba realmente seria meu lugar, pois ainda tinha dúvidas, muitas inquietudes ao me perguntar se o desejo profissional de residir em um local prático, e também com efervescência cultural, não poderia estar prejudicando a razão.

Mas as angústias logo se dissiparam porque me adaptei perfeitamente à minha nova terra, sempre com o interesse cada vez maior em suas artes e culturas, tanto que no decorrer dos anos foram se firmando como temas de meus estudos e pesquisas, inclusive no mestrado em jornalismo na Universidade de São Paulo (USP), e principalmente no doutorado, cursado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPA), justamente em cultura, na linha de pesquisa em cultura e identidade, natural escolha em virtude de meu um pouco forçado, mas o aguçado, direcionado à identidade cultural paraibana.

A vida universitária pautada pela cultura paraibana

No decorrer dos anos, enorme carga de trabalho docente que, em conformidade com o tripé universitário, reúne ensino, pesquisa e extensão. O ensino, limitado, talvez até inócuo, se desce com o aprendizado, por meio de estudos nos livros e demais mídias dispostas ao uso pedagógico, e na vida, o que implica em também se educar nas trocas comunicacionais do cotidiano, com alunos, agentes culturais e o bravo povo paraibano, aprender, seguir para si, garantir na vida acadêmica dá mente, portanto, tudo o que o cotidiano da vida societária dispõe, afinal Paulo Freire também é meu mestre no campo político pedagógico: “Ninguém se educa sozinho, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, midiatizados pelo mundo.”

“Os prolíficos e extensos espaços culturais da Paraíba têm me proporcionado achados que fizeram recrudescer em mim percepções de que esta terra é um maravilhoso mundo cultural”

A pesquisa, vista especialmente na sua associação com o ensino, conforme o príncipe pensamento freireano, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, temo ao nosso dispor o soberbo campo de investigações de cultura paraibana, extremamente fértil, ideal para receber e fazer brotar sementes tão especiais e genuínas – as tragédias quando aqui entram logo-ló adaptadas pelos geniais alquimistas das artes locais – pois seus genes vêm de vendedores brasileiros, tabajares, polígamos e caetés, e proporcionam o crescimento, como não poderia deixar de ser, e o solo realmente apropriado para o crescimento de robustas e frondosas árvores que nos dão frutos culturais saborosos e com polpas carnudas. Nos prolíficos e extensos espaços culturais da Paraíba, em que não é por acaso haver uma Campina Grande junta a muitas outras searas recuadas que têm me proporcionado já ao longo de mais de três décadas grandes achados que fazem recrudescer em mim percepções de que esta terra é um maravilhoso mundo cultural.

Sobre o terceiro elemento do tripé relativo ao mundo universitário, a extensão que complementa o ensino e a pesquisa, encontro-me em zona de total conforto, pelo fato de ter desenvolvido e de coordenar, já há dez anos, aquela que hoje é a maior ação extensivista do País na área da cultura, cujo Portal Interativo, uma escudopédia digital, também ocupa a posição de maior do Brasil com enfoque em uma cultura regional, cujo leito que tanto me motiva, assim como também motiva o meu trabalho, é pesquisas, inventariar e registrar tudo o que diz respeito às artes e culturas de nosso Estado, seu patrimônio imaterial, material e ambiental, tradições, histórias, memórias, costumes, saberes e fazeres, tão identitários, em múltiplas cores, dos mais diversos pontos da Paraíba.

PARAÍBA CRIATIVA | 22

Fonte: elaborado pelas autoras

Como já dito, a definição de um layout de texto bastante benéfica para o leitor ser guiado no material, entretanto, o princípio deve ser utilizado com cuidado para não ser excessivamente repetitivo e, conseqüentemente, cansativo. Dessa forma, os elementos que compõem a estrutura do layout neste projeto, não são restringidos à uma única cor, nem à uma quantidade mínima de texto/colunas, sendo possível variar de acordo com a necessidade visual do conteúdo.

5.3.3 Composição tipográfica

Depois de analisados os testes impressos e tendo a revista *Continente* como inspiração neste aspecto, foram definidas três tipografias para compor o projeto. A justificativa para esta quantidade se dá pela precisão de diferenciar a função de cada uma dentro do layout por meio da contraposição estilística entre elas, como também hierarquizar as informações dispostas.

Para os títulos, capitulares e olhos, foi escolhida a tipografia DM Serif Display (figura 9a). Essa fonte se destaca pelo contraste extremo entre as hastes de seu desenho, desempenhando uma função para além de informar o assunto abordado, mas como também ornamentar harmonicamente ao estar em tamanhos ampliados nos títulos. O tamanho/entrelinha dos títulos ficou 45/47 pontos (com exceção de situações em que foi prevalecida a função decorativa, onde o tamanho foi personalizado, como ilustra a figura 9b); já as capitulares ocupam o espaço referente a três linhas do corpo de texto, com 12,2 pontos na entrelinha; e o projeto dos olhos, por compor um número maior de palavras e linhas, tem o corpo em 20/23 pontos.

Figura 9 – Tipografia para títulos, capitulares e olhos (a) Fonte. (b) Exemplo da fonte aplicada.



(a)

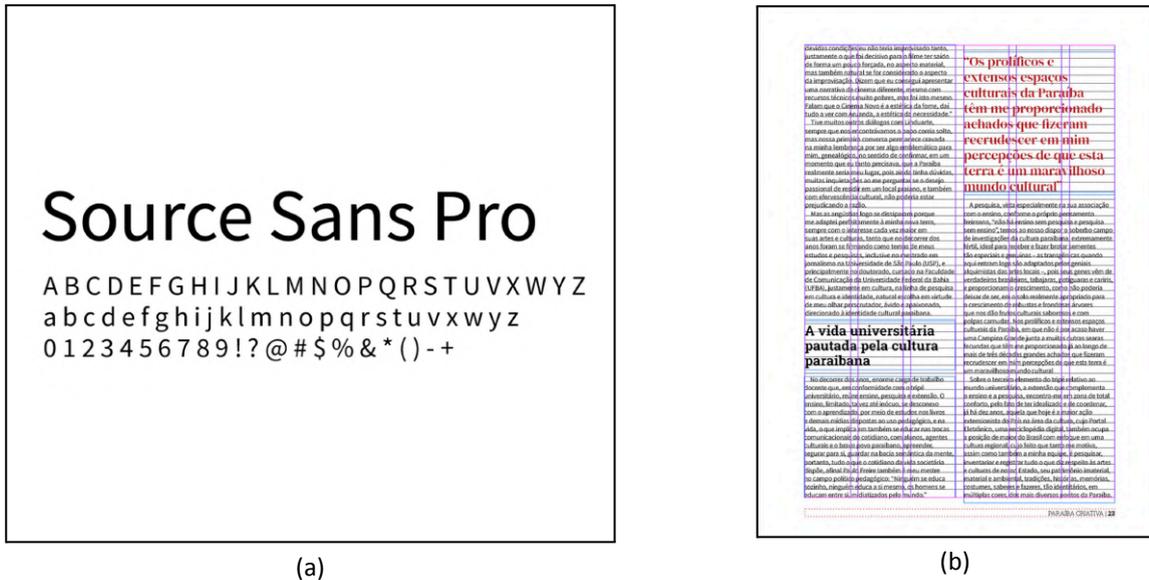
(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

Para compor o corpo do texto corrido, o *sutiã* das matérias e os créditos das fotos, a fonte selecionada foi a Source Sans Pro (figura 10a). Essa tipografia possui um desenho simples e uma vasta família de variações, se mostrando, respectivamente, bastante propícia para leitura em textos mais extensos e útil para atender possíveis especificidades na apresentação do texto. O tamanho definido para o corpo do texto foi 10/12,2 pontos, para o *sutiã* 15/17 pontos e para os créditos das fotografias foi 7 pontos.

O estilo do corpo do texto (exemplificado na figura 10b), se caracterizou então, com a tipografia no tamanho 10/12,2 pontos; colunas alinhadas à esquerda; com o uso de capitulares no parágrafo inicial; recuo de 3 mm para iniciar todos os parágrafos; com a hifenização desabilitada; e com o alinhamento à grade da linha de base do grid. Esta configuração específica nos parâmetros de diagramação é justificada principalmente por uma legibilidade eficaz e pela essencialidade em auxiliar na orientação da leitura, visto que contribuem grandemente na distinção de uma linha de texto para outra.

Figura 10 – Tipografia para texto corrido, sutia e créditos das fotos (a) Fonte. (b) Exemplo de como o texto se comporta dentro do grid.



Fonte: elaborado pelas autoras

A terceira fonte escolhida foi a Roboto Slab (figura 11a), no projeto ela atende uma função de apoio às fontes principais, sobretudo por possuir uma grande variação de pesos em sua família tipográfica. Assim, ela foi utilizada nos subtítulos das matérias; no fólio; no chapéu; nos créditos; e em boxes complementares. Para cada uma das aplicações, a fonte teve um tamanho específico, sendo eles: fólio 9 pontos; chapéu 15 pontos; créditos 11 pontos; e em box complementares ficou 10/12 pontos.

Figura 11 – Tipografia auxiliar (a) Fonte. (b) Exemplo da fonte aplicada.



Fonte: elaborado pelas autoras

5.3.4 Cores

Como já mencionado anteriormente, o Paraíba Criativa não se dispõe de uma identidade visual, se sustentando apenas na sua logo e na cor vermelha. À vista disso, como uma maneira de

estender a identidade vigente e definir a identidade da revista ao fortalecê-la, o projeto se apropriou da cor para as áreas secundárias da revista, como editorial, sumário e contracapa, como ilustra a figura 12.

Figura 12 – Cor vermelha aplicada (a) Editorial da revista. (b) Sumário da revista.



(a)

(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

Além da questão com a cor vermelha, estrategicamente optou-se por não se limitar a uma variada paleta de cores definida para a revista, pois a ideia geral foi de estar livre para explorar visualmente o máximo possível em cada matéria. E dessa forma, foram evitadas possíveis restrições que poderiam dificultar uma harmonia visual, ao tentar combinar, por exemplo, uma cor da paleta com as cores utilizadas numa matéria.

Um resultado relevante dentro deste aspecto de cor para ser comentado é o da última, e mais extensa, matéria da revista, a “Se essas páginas tocassem...” (figura 13). Nela foram introduzidos artistas e bandas em cada uma das duplas de páginas do bloco, e foram trabalhadas a cor predominante das fotografias nos elementos textuais e gráficos: criando assim uma unidade cromática independente dentro do padrão do layout seguido na matéria e interligada com os elementos dispostos na dupla final de páginas (figura 13b).

Figura 13 – Função da cor na matéria “Se essas páginas tocassem...” (a) Uma das duplas de páginas da matéria. (b) Dupla de páginas que encerra o conteúdo.



(a)

(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

5.3.5 Recursos gráficos utilizados

Com a quantidade insuficiente de fotografias em boa resolução para o projeto, foi necessário utilizar outros artifícios para compensar esse déficit. Uma delas foi a de manipulação de imagens, usada neste trabalho com o objetivo de minimizar imperfeições e tornar a imagem mais atrativa e coerente ao contexto abordado na pauta (exemplo na figura 14).

Figura 14 – Exemplo de manipulação de imagem (a) Imagem recebida pelo Paraíba Criativa. (b) Resultado final aplicada à matéria.



(a)



(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

O recurso de ilustração vetorial também foi aplicado ao projeto, se mostrando bastante pertinente à matéria “Um passeio pelo brejo da Paraíba” (figura 15). Inicialmente, ao interpretar o conteúdo textual recebido, foram definidos elementos que fizessem alusão a cada um dos 14 municípios mencionados; com isso, foi desenvolvido um mapa da região, pontuando as localizações com os objetos de cada cidade ilustrados.

Figura 15 - Mapa ilustrado do brejo da Paraíba integrado na diagramação



Fonte: elaborado pelas autoras

A revista também dispôs de um infográfico criado a partir dos dados apresentados na pauta em questão. Como a matéria geral abordou a temática musical, foi preferido o uso de pictogramas geralmente presentes no menu de *music players* para ilustrar as informações estatísticas (figura 16).

Figura 16 – Uso de infográfico na revista (a) Infográfico na dupla de páginas. (b) Infográfico ampliado.



Fonte: elaborado pelas autoras

A técnica de colagem digital foi a solução mais apropriada para as matérias desprovidas de fotografias em boa qualidade e a exemplo disso, há a matéria responsável por estampar a capa da revista, “Talentos invisíveis da Paraíba”, e a “Com força, elas marcam as histórias da Paraíba” (figura 17). Nas produções das colagens, foi prevaletido o trabalho com diferentes texturas, a harmonia e/ou contraposição entre as cores e a disposição livre dos elementos na composição.

Figura 17 – Uso de colagens digitais na revista (a) Abertura da matéria “Talentos invisíveis da Paraíba”. (b) Matéria “Com força, elas marcam as histórias da Paraíba”.



Fonte: elaborado pelas autoras

No mais, outros elementos gráficos secundários se fizeram presente para complementar o já mostrado nas matérias e/ou para enriquecer o projeto gráfico no geral. Bem como, o ícone de mão retirado da logomarca do Paraíba Criativa sinalizando o final de cada matéria e os códigos QR

como forma de facilitar o acesso aos artistas invisibilizados pela mídia.

5.3.6 Impressão

Com o projeto gráfico concluído, cabe ao Paraíba Criativa viabilizar a realização de possíveis tiragens para a edição piloto. Portanto, a execução deste trabalho se limitou apenas à produção da boneca da revista (figuras 18 e 19). Para a impressão da mesma, a especificação técnica consistiu em uma impressão de matriz digital, em 4x4 cores e frente e verso, de 14 lâminas em papel couché brilhoso, sendo 13 delas (miolo) em 90g e 1 (capa e contracapa) em 180g. E por causa da gramatura das folhas e da quantidade de páginas se tratar de um número múltiplo de 4, foi possível aderir o grampeamento como forma de encadernação.

Figura 18 – Boneca da revista (a) Plano detalhe na capa da revista. (b) Plano detalhe na página 13.



(a)



(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

Figura 19 – Boneca da revista (a) Plano detalhe na ilustração da página 27. (b) Plano detalhe no infográfico da página 49.



(a)



(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

Além da produção da boneca da revista, foram gerados *mockups* digitais para uma melhor e mais acessível visualização proporcional do protótipo desenvolvido (figuras 20 e 21).

Figura 20 – Alguns *mockups* da revista (a) Capa da revista no *mockup*. (b) Primeira página da revista no *mockup*.



(a)



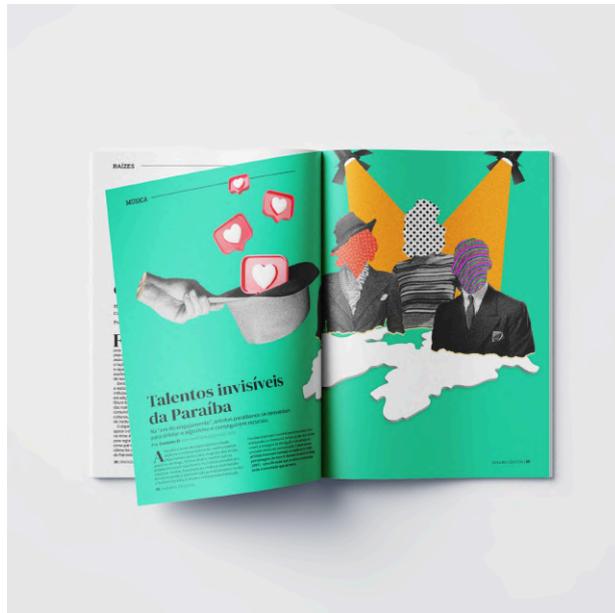
(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

Figura 21 – Outros *mockups* da revista (a) Páginas 20 e 21 no *mockup*. (b) Páginas 32 e 33 no *mockup*.



(a)



(b)

Fonte: elaborado pelas autoras

6 Considerações finais

A coordenação do Paraíba Criativa, ao contemplar o resultado final da revista, se mostrou altamente satisfeita e até emocionada com o trabalho desenvolvido. Isso representa, como já comentado anteriormente, a capacidade que o design editorial tem, ao revigorar um material por

intermédio de uma linguagem visual representativa, de sensibilizar o público-alvo e fortalecer uma relação identitária. Resta então, para o Paraíba Criativa, se encaminhar para o lançamento da revista e estudar possíveis parcerias com gráficas ou estratégias para conseguir benefícios através de editais relacionados à cultura a fim de subsidiar a circulação de tiragens impressas.

Percebe-se assim que o objetivo geral deste artigo foi alcançado, visto o *feedback* recebido pelo Paraíba Criativa e também por ter sido possível finalizar todas as 12 matérias escritas, resultando assim num projeto de revista completo. Além disso, é importante salientar que a compreensão da prática do jornalismo cultural e do design editorial foi fundamental para conquistar essa solução. Mesmo com a carência de metodologias específicas para produção de revistas, o procedimento proposto por Rodolfo Fuentes demonstrou-se suficiente para a resolução do problema prático em questão.

Por fim, concernente ao resultado final obtido, destaca-se ainda a ampla oportunidade que o design editorial específico para revistas oferece para explorar a abundância de técnicas e princípios que permeiam o design gráfico no geral. No mais, ao desenvolver um projeto tendo como prioridade intrínseca a valorização cultural, foi adquirida uma experiência engrandecedora ao aplicar o design editorial em prol da comunidade local.

7 Referências

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- APFELBAUM, S.; CEZZAR, J. **Designing the editorial experience**: A primer for print, web, and mobile. Rockport Publishers, 2014.
- BALLERINI, F. Jornalismo cultural regional: procura-se!. **Observatório da Imprensa**, Campinas, 2017. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo-cultural/jornalismo-cultural-regional-procura-se/>. Acesso em: 15 de jun. 2023.
- BASSO, E. F. C. Para entender o jornalismo cultural. **Comunicação & Inovação**, v. 9, n. 16, 2008.
- CARVALHO, A. L. P.; NOBREGA, Z. S. Ações inventariantes e propostas comunicacionais do Paraíba Criativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017, Curitiba. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom/ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3095-1.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2023.
- COLLARO, A. C. **Produção gráfica**: arte e técnica na direção de arte. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.
- FUENTES, R. **A prática do design gráfico**: uma metodologia criativa. 1. ed. São Paulo: Rosari, 2006.
- GONDIM, C. B.; AGUIAR, D. Q. Marketing Cultural e a Inserção dos Artistas Locais no Contexto do Turismo: um estudo de caso em João Pessoa–PB. In: VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2010, São Paulo. **VII Anais ANPTUR**. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/95.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2023.
- GRUSZYNSKI, A. C. Design editorial e publicação multiplataforma. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 571–588, 2015. DOI: 10.19132/1807-8583201534.571-588. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58547>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

GRUSZYNSKI, A. C.; CHASSOT, S. S. O projeto gráfico de revistas: uma análise dos dez anos da revista Capricho. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006.

LUPTON, E. **Pensar com tipos**: guia para designers, escritores, editores e estudantes. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OKIDA, M. O design gráfico como elemento de linguagem editorial. **Revista Ceciliana**, Santos, n. 1, jul. 2001.

PARÁIBA CRIATIVA. **Paraíba criativa**. Página inicial, 2023. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br>. Acesso em: 01 de jun. de 2023.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, E. F. R. O. **Design editorial de revistas culturais**. Dissertação/Relatório de Estágio (Mestrado em Design Gráfico) – Escola Superior de Artes e Design, Instituto Politécnico da Leiria, Caldas da Rainha, 2013. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/27645379a1ab0be0a74fa12084602442/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

SAMARA, T. **Guia de design editorial**: manual prático para o design de publicações. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.